

# A GUERRA, NA FASE DE DESGASTE SISTÊMICO

*Na Ucrânia, a guerra já não se decide apenas no mapa: vence quem consegue sustentar soldados, armas, indústria, tecnologia, economia e vontade política por mais tempo. O campo de batalha é o sistema inteiro, e seu limite está em regenerar aquilo que o conflito consome.*

**Gabriel Camilli\***



*Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.*

A acompanhar o fluxo diário de relatórios militares da Ucrânia pode criar uma impressão enganosa. Nomes de pequenas cidades, quilômetros ganhos ou perdidos, centenas de drones, depósitos destruídos e números de baixas acumulam-se dia após dia, dificultando distinguir o que é realmente importante. No entanto, sob essa aparente monotonia, ocorre uma profunda transformação da guerra.

O conflito na Ucrânia parece ter entrado em uma fase na qual perguntar quem está avançando ou recuando já não é suficiente. Como já observamos nesta coluna, a questão decisiva está mudando: qual sistema será capaz de resistir, por mais tempo, ao desgaste simultâneo de efetivos, armamentos, indústria, economia e vontade política?

O relatório divulgado pelo Ministério da Defesa da Rússia em 25 de agosto oferece um vislumbre dessa dinâmica. Como sempre ocorre com as comunicações das partes em conflito, os números relativos a baixas e equipamentos destruídos devem ser vistos como alegações de uma parte interessada, e não como dados verificados de forma independente.

No entanto, a distribuição geográfica das operações é significativa (e coincide com certas fontes ocidentais).

Seis grandes formações russas permanecem ativas em uma vasta área – estendendo-se de Sumy e Kharkov, no norte, passando pelo Donbass e pelas áreas de acesso à região de Dnipropetrovsk, até Zaporizhzhia. Moscou também anunciou a tomada de Annovka e operações em diversos pontos ao longo da frente de batalha. O ponto principal não é a situação de qualquer vilarejo específico, mas a natureza sustentada da pressão.

## AVANÇAR SEM ROMPIMENTO

A ofensiva russa não conseguiu alcançar o grande rompimento operacional que muitos previam; ainda assim, a Rússia continua obtendo ganhos graduais.

O eixo Kramatorsk-Sloviansk merece atenção especial. Por sua vez, fontes ucranianas reconhecem a alta intensidade dos combates; apenas em 24 de agosto, o Estado-Maior ucraniano registrou 209 confrontos, com pressão particular ao longo dos eixos de Pokrovsk e Kostiantynovka. Simultaneamente, as forças ucranianas realizam operações em certos setores, notadamente ao norte de Lyman. Consequentemente, a situação não pode ser caracterizada simplesmente como um avanço russo uniforme em direção ao oeste. Trata-se de uma luta marcada por avanços, infiltrações, contra-ataques e desgaste cumulativo.

Aqui, torna-se evidente uma das principais mudanças na guerra contemporânea: a massa, no sentido de grandes unidades militares, não desapareceu, mas concentrá-la fisicamente sem ser detectada e sofrer ataques subsequentes tornou-se cada vez mais difícil. Isso levou à proliferação de pequenos grupos de assalto, infiltrações, posições dispersas e uma linha de frente que, em certas áreas, deixa de ser uma linha claramente definida. É possível avançar sem obter uma ruptura nas linhas inimigas e conquistar território sem destruir o exército adversário.

## A GUERRA POR TRÁS DA GUERRA

Reiteramos: olhar apenas para o mapa continua sendo insuficiente.

A segunda parte do comunicado russo de 25 de agosto é altamente reveladora. Moscou afirma ter atingido indústrias de defesa, centros logísticos, infraestrutura energética, redes de transporte, portos, depósitos de munição, instalações relacionadas a drones e locais ligados à preparação e ao lançamento de mísseis ucranianos de longo alcance. Em outras palavras, a guerra há muito deixou de ser travada apenas contra as forças na linha de

frente; ela é travada contra o próprio sistema que permite que essas forças continuem lutando.

A Ucrânia aplica uma lógica semelhante contra a Rússia. Seus ataques de longo alcance têm como alvo refinarias, depósitos, infraestrutura energética, bases militares e instalações industriais. Consequentemente, a linha de frente deve ser visualizada como uma série de círculos concêntricos.

No centro está o combatente. Atrás dele, encontram-se a unidade e seus postos de comando. Em seguida, vêm a logística, as ferrovias, os depósitos e o suprimento de energia. Mais atrás, estão as fábricas, os centros de tecnologia e a infraestrutura nacional. E, por trás de tudo isso, estão a economia, o sistema financeiro e as sociedades que precisam sustentar o esforço de guerra. A profundidade estratégica tornou-se parte indissociável do campo de batalha.

## UCRÂNIA: LABORATÓRIO DA OTAN

Nesse contexto, o projeto UNITE-Brave da OTAN, recentemente analisado pelo especialista italiano Fulvio Scaglione, assume importância particular.

A iniciativa conecta empresas ucranianas a companhias de países-membros da OTAN para desenvolver novas soluções tecnológicas, especialmente nas áreas de defesa contra drones, sistemas antiaéreos (contra drones Shahed), inteligência de sinais e guerra eletrônica. A primeira etapa envolve um financiamento de 10 milhões de euros, com potencial para aumentar para 50 milhões de euros.

Para acessar esses recursos, os projetos devem vincular uma empresa ucraniana a uma sediada em um país da OTAN. O principal ator ucraniano é o Brave1, um ecossistema que reúne cerca de 2.500 empresas, incluindo aproximadamente 500 voltadas para drones aéreos, 200 para inteligência artificial e 300 para ELINT, entre outras especialidades.

O mecanismo é revelador. A Ucrânia contribui com algo que nenhum laboratório ocidental consegue replicar: a experiência adquirida diariamente contra um adversário de primeira linha em uma guerra de alta intensidade. O ciclo é extraordinariamente rápido: campo de batalha, experiência, dados, inovação, indústria, nova tecnologia e o retorno ao campo de batalha.

**A guerra se transforma, assim, em um enorme processo de pesquisa e desenvolvimento.**

Scaglione levanta uma questão desconfortável: até que ponto a OTAN está aprendendo com

uma experiência cujo preço principal, em termos de mortes, ferimentos, destruição e território, é pago pelos próprios ucranianos? (Em nossa opinião: isso toca no ponto central.)

A questão vai além da tecnologia. Ela levanta a discussão sobre qual lugar a Ucrânia ocupará na arquitetura de segurança europeia quando a guerra finalmente terminar.

**Dinheiro não produz um míssil instantaneamente. Há também outra limitação: a industrial.**

O Ocidente mobilizou enormes recursos financeiros para a Ucrânia. No entanto, uma das lições fundamentais desta guerra é que dinheiro e capacidade militar não são sinônimos. Uma dotação orçamentária pode ser aprovada rapidamente. Uma nova linha industrial para a produção de mísseis antiaéreos, munição de artilharia, drones ou sistemas eletrônicos exige fábricas, componentes, mão de obra qualificada, matérias-primas e tempo.

A Europa precisa, simultaneamente, reconstruir seus próprios arsenais, apoiar a Ucrânia, aumentar seus orçamentos militares e cumprir as demais obrigações de seus Estados. Consequentemente, a questão está mudando de foco. Não se trata apenas de quanto dinheiro o Ocidente pode fornecer, mas de quão rapidamente esse dinheiro pode ser transformado em capacidade militar, no ritmo exigido por uma guerra industrial prolongada. A defesa aérea é um exemplo particularmente crítico. Zelensky reconheceu mais uma vez a escassez de interceptadores Patriot à medida que se intensificam os ataques russos com mísseis balísticos.

## A FRENTE POLÍTICA EMERGE EM KIEV

E agora surge outro elemento que não pode ser dissociado dos demais: a política interna ucraniana. Mykhailo Fedorov, até poucas semanas atrás Ministro da Defesa e anteriormente responsável pela transformação digital do Estado, tornou-se uma das figuras mais interessantes da crise política ucraniana.

Não é coincidência que seja justamente Fedorov. Sua trajetória está intimamente ligada ao processo de inovação tecnológica que transformou a Ucrânia em uma potência global no uso militar de drones. Após sua demissão, Fedorov questionou publicamente as operações do governo, denunciou a corrupção e a ineficiência e defendeu a criação de mecanismos para retomar o processo eleitoral, mesmo em meio à guerra. A legislação vigente sob a lei marcial proíbe tais eleições, e realizá-las apresentaria desafios enormes: milhões de pessoas deslocadas, territórios ocupados e centenas de milhares de cidadãos mobilizados.

No entanto, politicamente, o tabu foi quebrado. Em 25 de agosto, Fedorov foi ainda mais

longe, alertando que, sem mudanças urgentes, a Ucrânia corre o risco de perder a guerra gradualmente. Ele criticou a falta de uma estratégia abrangente e exigiu reformas capazes de integrar a liderança militar, a tecnologia e a administração estatal. Sua demissão também desencadeou protestos públicos e transformou um antigo aliado de Zelensky em uma possível figura política alternativa. Isso não significa que o governo de Zelensky esteja à beira do colapso (por enquanto). Indica, contudo, algo de maior importância estratégica: a pressão da guerra começa a permear visivelmente a esfera política.

Nesse contexto, a visita surpresa a Moscou, em 25 de agosto, do diretor da CIA, John Ratcliffe, ganha um significado especial. O chefe do serviço de inteligência externa da Rússia, Sergei Naryshkin, confirmou que ambos realizaram uma reunião de trabalho sobre questões sensíveis, embora sem divulgar o conteúdo; Ratcliffe não se reuniu com Putin, embora o presidente russo tenha sido informado sobre as conversas. Veículos de imprensa dos EUA, citando fontes familiarizadas com a missão, sustentam que Ratcliffe transmitiu um alerta contra qualquer tentativa de Moscou de testar a OTAN por meio de ações limitadas contra algum de seus membros, detalhe que nem Washington nem Moscou confirmaram oficialmente. Além da pauta específica, o episódio demonstra que, mesmo enquanto a guerra de atrito se prolonga, Washington e Moscou mantêm canais diretos abertos para gerenciar os riscos de uma escalada que poderia transbordar para além do teatro de operações ucraniano.

## CLAUSEWITZ RETORNA À UCRÂNIA

Clausewitz descreveu a guerra por meio de uma *“trindade notável”*, na qual o governo, as forças armadas e o povo interagem (como o leitor atento sabe, temos repetido isso frequentemente). Duzentos anos depois, o conflito na Ucrânia nos obriga a ampliar nossa perspectiva sem abandonar essa percepção original. Temos o soldado que luta, o governo que decide e o povo que deve continuar aceitando o sacrifício. No entanto, cercando-os hoje, encontramos fábricas de drones, inteligência artificial, satélites, guerra eletrônica, empresas privadas, sistemas financeiros internacionais, complexos industriais-militares e alianças multinacionais (juntamente com a busca por lucros excessivos, corrupção, etc.).

**Podemos nos perguntar: será que o verdadeiro centro de gravidade desta guerra está mudando gradualmente?**

A Rússia precisa sustentar seu efetivo humano, sua produção militar, sua economia e sua coesão social. A Ucrânia precisa sustentar seu efetivo humano, seu território, sua legitimidade política e sua vontade nacional. A Europa deve sustentar o financiamento, a produção de armas e o consenso político. Os Estados Unidos devem decidir por quanto

tempo e com que intensidade continuarão a empenhar seus recursos. Todas as partes correm contra o tempo.

A questão fundamental nesta fase talvez não seja mais quem conquistou mais território nesta semana. A questão é quem consegue regenerar mais rapidamente o que foi perdido. Quem substitui o soldado? Quem substitui o drone? Quem repara a infraestrutura? Quem financia o Estado? Quem mantém a legitimidade? E, por fim, qual sociedade mantém a vontade de continuar a luta por mais tempo?

Essa é a dimensão profunda do atrito sistêmico. A guerra na Ucrânia pode não ser decidida por uma única batalha decisiva. O desfecho pode ocorrer muito mais cedo, ou muito mais tarde, quando um dos sistemas oponentes constatar que já não consegue repor, na mesma proporção, o efetivo, os equipamentos, os recursos e a determinação que o conflito consome.

*Publicado no [La Prensa](#).*

---

*\***Gabriel Camilli** é coronel mayor da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.*

---